

ENSINO A DISTÂNCIA: ENTRE A QUALIDADE DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E A URGÊNCIA DA IMPLEMENTAÇÃO DO MÉTODO

Isabela de Oliveira

No dia 31 de dezembro de 2019, os primeiros casos da Covid-19 foram identificados na cidade de Wuhan, na China. O vírus chegou ao Brasil em janeiro e, em menos de três meses, foram confirmados cerca 30 mil casos e quase 2 mil mortes. Com a curva de mortalidade e infectados aumentando diariamente, foi necessário tomar medidas preventivas extremas, como a utilização de máscaras, higienização máxima dos locais e o isolamento social.

Das medidas necessárias para evitar o contágio do vírus, o isolamento social foi o que trouxe mais angústia. No início, existia uma grande incerteza sobre como seria o funcionamento dos locais de trabalho e, principalmente, sobre como seriam lecionadas as aulas e como se daria o processo de ensino de aprendizagem nesse momento de grande dificuldade. A ideia inicial para resolver esta problemática foi a implementação do Ensino a Distância (EAD), para que os processos de aprendizagem não fossem interrompidos e, assim, fosse dada a continuidade ao conteúdo programado para o semestre/ano letivo.

O EAD trouxe uma grande insatisfação, gerando um amplo debate e reflexões sobre o funcionamento do sistema de educação. Foram levantados vários questionamentos como por exemplo: em meio a uma pandemia, a melhor forma de lidar com os processos educativos é lecionar o conteúdo sem a real interação com os alunos? Qual a verdadeira finalidade do ensino, um diploma ou a aprendizagem fidedigna do aluno?

Para mim, enquanto afetada e insatisfeita por esta medida, me questiono sobre o porquê me acomodar nesta condição e os motivos para não romper com a lógica do sistema. Seria o risco de romper com a tutela?

Silva (2003) discute sobre como os processos de educação são distorcidos muito antes de uma pandemia ocorrer. Antes mesmo da implementação de um ensino a distância, a autora destaca que a escola deixou de ser o templo da socialização, do aprender, do dividir, do construir afetos, desejos, sonhos, valores e alegria, para ser o templo do mercado, lugar para fabricar objetos humanos ajustados para servirem ao mercado. Esse ponto de vista traz grandes reflexões sobre a finalidade do ensino, já que a metodologia responsável pela construção de novas ideias e fomento da reflexão autônoma sobre os conceitos aprendidos em sala de aula, na realidade, se tornou uma alienação, uma construção dos ideais de um sistema.

No contexto cultural, a educação pode ser utilizada como meio para diferenciar os indivíduos e, simultaneamente, instrumento de equalização social; mas, na verdade, o que ela faz é moldar os indivíduos às normas e aos valores vigentes numa sociedade de classes (Silva, 2003). Segundo a autora, toda a educação básica, pública ou privada, parece ter uma única e clara função: preparar para exames de acesso a escolas superiores. Nesse sentido, estudar para passar em uma prova, ser aprovado e conseguir se inserir no padrão cultural de desenvolvimento da vida parece ser mais importante do que os ensinamentos e aprendizagem que tivemos ao longo desse processo.

De acordo com Illich (1973), em geral as pessoas adquirem a maior parte de seus conhecimentos fora da escola, ou seja, os processos de autoconhecimento, de pensamentos críticos desenvolvidos, a etapa de experimentação e descobertas feitas pelos alunos, não são aprendidos com física, química ou matemática. Na sociedade existe o conceito de que a escola é o local de formação para uma vida profissional futura, mas podemos observar que a cultura escolar é “a carteira enfileirada mas também é o piscar de olhos de quem olha para trás; é a prova e posteriormente sua ‘correção’; é o ‘colar’ e o ‘dar cola’” (Azanha, 1992 *apud* BOTO, 2003). É curioso pensar que há uma cegueira sobre essa realidade do sistema educacional, negar o que realmente acontece nas salas de aula, como somos alienados através dessa metodologia, é uma forma mais cômoda de agir frente a esses problemas.

Diante dos aspectos citados, a implementação do ensino remoto de uma forma rápida e improvisada nesse contexto complicado em que estamos vivendo nada mais é do que a confirmação de todas as teorias dos autores apresentados anteriormente. Lecionar o conteúdo, independentemente da qualidade de ensino, da eficácia da aprendizagem e da condição de cada aluno, se tornou mais relevante do que o processo que envolve a aquisição desse conhecimento. A educação também é feita através de uma interação do indivíduo com o meio social, um compartilhamento de ideias pessoais entre os alunos e professores, ou seja, nesse sentido, entende-se que um conteúdo atribuído de forma oral, manuscrita, impressa ou na tela de um computador agirá de maneira diferente sobre os processos cognitivos do indivíduo.

É importante o questionamento sobre o porquê dessa reflexão neste momento da história, sendo que, a metodologia utilizada para educar o indivíduo que questiono nesse texto, já ocorria muito antes de toda essa situação de calamidade pública. Mesmo após a reflexão desses aspectos, opto por continuar inserida neste sistema do qual tanto me queixo, por projetar os possíveis benefícios futuros. Eu discordo e me incomodo sobre o funcionamento dos métodos educativos, mas atualmente é uma escolha minha não romper com a lógica instituída.

Por isso, refletir a respeito das questões e problemas que permeiam a educação é analisar a complexidade de fatores que geram o contexto caótico da formação escolar (TUNES, 2011). Se futuramente um novo método de ensino for adotado, deve-se com ele dar espaço aos estudantes para desenvolver sua criatividade e imaginação, ensinar e aprender, pensar e fazer, partindo-se do princípio de que todos têm condições de aprender, ainda que seja no seu próprio ritmo. Dessa forma, os alunos não serão apenas um produto de um sistema, mas sim seres que tomam decisões por si mesmos.

Já que o conhecimento é algo que “ninguém tira”, enfrentar os impasses da educação, buscando uma aprendizagem fidedigna do contexto e dos processos que encaminham até o entendimento do conteúdo, requer alguma remissão à tradição pedagógica. Os questionamentos sobre o porquê não romper com a lógica do sistema e o riscos desta mudança não podem ser respondidos de formas simples e reducionistas. Os aspectos relacionados aos processos educacionais abrangem uma ampla discussão, que nem sempre apresentam explicações prontas. Contudo, é fato que o processo de ensino de aprendizagem sem a interação do aluno com o professor e com a sociedade é incompleto. Contrapor-se à atual metodologia requer ousadia, mas é preciso!

REFERÊNCIAS

- BOTO, C. A civilização escolar como projeto político e pedagógico da modernidade: cultura em classes, por escrito. **Caderno Cedes**, Campinas, v.23, n.61, p.378-397, dezembro 2003.
- DAZZANI, M. V. M. e SOUZA, V. L. T. **Psicologia escolar crítica: teoria e prática nos contextos educacionais**. Campinas: Alínea, 2016.
- ILLICH, I. **Sociedade sem escolas**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- MUNDIM NETO, J. **A crise da educação contemporânea e a escola: o que paira sobre o chão que pisamos?** (Tese de Doutorado em Educação)- Universidade de Brasília. Brasília, 2017.
- SILVA, M.A. Do projeto político do Banco Mundial ao projeto político-pedagógico da escola pública brasileira. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 23, n.61, p.283-301, dezembro 2003.
- TUNES, E. (Org). **Sem escola, sem documento**. Rio de Janeiro: E-papers, 2011.
- VIGOTSKI, L.S. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 1993.